



AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

VOLUME ESPECIAL - 2012

Manhês: Qualidade vocal e deslocamentos na dialogia mãe-bebê

Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante (UFPB)

Andressa Toscano de Moura C. Barros (UFPB)

RESUMO: Buscamos mostrar neste trabalho o deslocamento sofrido pelo discurso materno na dialogia mãe-bebê visto que esta voz é manifesta em três instâncias: a da criança, dos objetos de interação e a da própria mãe. Vozes falseadas, sussurradas, graves ou neutras permeiam os momentos de interação seja para chamar a atenção, acalmar, inserir um objeto no jogo dialógico ou até para deixar a conversa com a criança mais natural. Analisamos uma díade mãe-bebê entre zero e vinte quatro meses de vida da criança, filmada longitudinalmente em situação naturalística na casa da díade.

Palavras-chave: dialogia; mãe-bebê; interação; qualidade de voz

Introdução

Na década de setenta, muitos foram os estudos que se detiveram no manhês. Por sua peculiaridade, diversas foram as pesquisas (SNOW & FERGUSON, 1977) preocupadas em atribuir alguma função a esta fala. Centrados na natureza da fala materna, a principal conclusão a que chegaram é de que tal fala funcionaria como "input" para a criança pequena, e extraído dela categorias lingüísticas, o infante "aprenderia" a língua. Características morfológicas, sintáticas e fonológica-segmentais têm sido apontadas na fala dirigida ao infante, tais como: graus de repetitividade e simplificação, clareza, brevidade, modificações na frequência fundamental, uso de falsetto, etc.

A denominação deste tipo de fala tem mudado ao longo dos estudos que a tem como objeto de análise. A mudança de nomenclatura na referência a esta fala peculiar demonstra o lugar teórico desta, nos trabalhos e teorias em aquisição da linguagem, tais como: baby talk; a hipótese do manhês; a fala dirigida à criança; a fala interativa da criança

Porém, conforme o termo foi mudando, o fenômeno vai se adaptando aos novos ventos trazidos pela teoria lingüística “oficial”. Assim, do “input”, que era nos anos 70 e parte dos anos 80, considerado comunicativo, adquirido e peculiar de cada língua e cultura, passa a ser interpretado como, pelo menos parcialmente, inato. Assim é que estudos recentes (FERNALD & KUHL, 1987; HIRSH-PASEK ET AL., 1987; KEMLER-NELSON, HIRSH-PASEK, JUCKSYK & CASSIDY, 1989) apontam para uma provável habilidade inata do infante que orienta e distingue aspectos da fala do adulto que têm valor comunicativo, como as pausas nas palavras ou limites de frases. Tal habilidade facilitaria a fala posteriormente.

Os termos, como se pode observar, enfatizam cada qual uma perspectiva teórica, desde a noção de "input", passando por uma perspectiva mais facilitativa, até uma noção “interacionista” e comunicativa. Se para as primeiras a criança é um mero receptor de certas características formais, tenta-se resgatar a criança, atribuindo-lhe um papel mais ativo (no interativo e/ou comunicativo), mas sua atividade mantém-se, pelo menos em parte, nos limites do inatismo.

A nomenclatura tem mudado desde a adoção do termo “baby talk” por pesquisadores da linguagem em 1970, mas, essencialmente, o conceito de que as modificações sistemáticas de fala acontecem quando estamos diante de um infante permanece. Resta saber que papel atribuir a elas no processo aquisicional. É justamente o que procuramos desenvolver ao longo deste artigo.

1. A prosódia do manhês

As modificações prosódicas da fala do adulto dirigida à criança pequena mais freqüentes são: freqüência fundamental mais alta, âmbito de altura maior, preferência por certos contornos (sobretudo os tons ascendentes), uso de falsetto, cadência mais lenta, partes sussurradas do enunciado, duração prolongada de certas palavras, mais de um acento frasal, etc. Tais modificações foram observadas em diferentes línguas e culturas (FERGUSON, 1964; CHEW, 1969; RUKE-DRAVINA, 1976; GARNICA, 1977 apud ABAURRE, GALVES & SCARPA, 1999).

Garnica (1977) foi o primeiro trabalho a, experimentalmente, constatar modificações na fala dirigida à crianças de dois anos, tais como: contornos exagerados de altura, âmbito de altura maior, partes sussurradas do enunciado. Não as relacionando porém aos contextos característicos nos quais estes traços se evidenciam.

Com o trabalho de Stern, Spieker & MacKain (1982) foi possível uma correlação entre os contornos exagerados de fala materna e certas situações interacionais específicas. Ao analisarem diádes com bebês de dois, quatro, e seis meses de vida, estes autores encontraram certos contornos emitidos em determinadas situações específicas de interação: ascendente, ascendente-descendente, sinusoidal (“bell-shaped”). Caracterizados como ótimos sinais auditivos para engajar e manter a atenção do bebê, os contornos do tipo ascendente vinculam-se aos contextos em que a mãe tentava atrair a atenção do bebê, mas este não estabelecia a

atenção conjunta ¹ (troca de olhar). Já os contornos do tipo sinusoidal (“bell-shaped”) emergiram quando o bebê estava olhando e sorrindo para a mãe e ela tentava manter o olhar e o afeto positivo, isto é, já havia se estabelecido o “face a face”. Estes contornos, pode-se dizer, teriam um uso bem específico na manutenção do afeto positivo e da atenção conjunta. Os autores destacam ainda que os bebês não sorriem ou estabelecem trocas de olhares continuamente, apenas durante uma situação muito positiva de interação. Resta saber o que se caracterizaria como uma situação de interação positiva, pois eles em momento algum do estudo especificam tal situação interativa.

Apesar de os autores não descreverem tais situações interativas em análises longitudinais, elas se apresentam quando a mãe busca reforçar a atenção do bebê, quer seja através de mudanças vocais repentinas (nas modulações de voz, altura etc.), troca de sorrisos, manutenção do olhar, quer através de estímulos corporais e visuais (mexer mãos e pés do bebê, mostrar objetos). Esse tipo de contexto favorece não apenas a interação positiva, como também, é um estímulo às produções vocais do bebê, sendo observados acompanhamentos vocais, por parte do bebê, num proto-diálogo. O estabelecimento dessa reciprocidade afetiva entre bebê e parceiro torna-se fundamental para a aquisição subsequente de comportamentos vocais mais apropriados.

Ao contextualizar as emissões maternas, Stern et. al. (1982) conseguiram situar funcionalmente certos contornos deste tipo peculiar de fala. A ênfase, no entanto, é dada ao papel de engajamento e manutenção da atenção nas trocas interativas, e, conseqüentemente, aos contornos característicos deste tipo de troca. Não houve uma preocupação em analisar o não aparecimento destes contornos em outros contextos como proibição e conforto. A preocupação foi situar as produções maternas mais proeminentes em determinados contextos específicos, e constatar que servem para buscar e manter a atenção do infante. A abordagem de Stern et. al. (1982) francamente behaviorista, não se propõe a explicar como, e se, tais contornos vão desempenhar alguma função no desenvolvimento lingüístico do infante.

Ao apontar os atributos prosódicos exagerados da fala materna como condutores de informação emocional, funcionando como pistas afetivas proeminentes para o bebê, Fernald & Simon (1984) destacam um ponto interessante na relação manhês/contexto interativo. Já é sabido que certos contornos ocorrem em situações contextuais específicas, como vimos. Agora, um passo a mais é dado no intuito de compreender o funcionamento desses contornos; segundo Fernald & Simon (1984) eles são interpretados como moduladores emocionais para o infante.

Esta habilidade do infante em detectar diferentes emoções expressas na voz tem sido observada em experimentos laboratoriais (FERNALD, & SIMON, 1984 ; FOGEL, 1997, entre outros). Os resultados encontrados destacam os seguintes comportamentos: os bebês apresentam expressões faciais esboçando sorriso ao ouvir vozes expressando aprovação e franzem o rosto quando as vozes expressam desaprovação. Como não têm acesso à compreensão do conteúdo da fala, a via de acesso à informação e modulação do estado emocional seria as pistas auditivas: altura, tempo e intensidade.

O papel desempenhado por pistas dessa natureza é o que segundo Fernald (1993), garantirá a entrada da criança no “lingüístico”. As peculiaridades prosódicas do manhês caracterizando os contextos afetivos de aprovação, proibição, atenção e conforto possibilitará,

¹ O estabelecimento da atenção conjunta se efetiva no “face a face”, que são organizações caracterizadas por negociações dos parceiros diádicos que requerem o estabelecimento e a manutenção do contato de olhar entre o bebê e sua mãe (LYRA, 1995).

de início, a modulação afetiva e, em seguida, a saliência lexical e gramatical, preparando o acesso da criança à língua materna.

Ao tomar a fala materna como veiculadora e determinadora da modulação emocional e lingüística, perspectivas desta natureza deixam de considerar o desempenho da criança ao longo do processo aquisicional. Se a mãe modula os estados afetivos e, posteriormente, o lingüístico, que papel cabe à criança?

Estudos como o de Penman, Cross, Milgrom-Findman & Mears (1983) demonstram justamente o inverso, o comportamento do bebê como exercendo alguma influência nas vocalizações materno-afetivas. Os autores mostram que os comportamentos dos bebês, entre os três e os seis meses de vida, são responsáveis pelos ajustes de fala materna, nas situações que envolvem afeto. A modulação emocional, então, flui em ambos os lados, via prosódia materna e/ou via comportamentos gestuais do bebê. Isto aponta para uma perspectiva relacional da díade, pois o manhês não funcionaria como um “input” de caráter facilitativo, como queriam ou pensavam alguns (BRUNER, 1983; BULLOWA, 1979, entre outros), mas sim, uma “trilha melódica” na qual arranjos e novas leituras são possíveis a todo momento, desde que os participantes estejam engajados na atividade interativa. No caso do infante, essa trilha melódica vai se constituindo como um caminho para se chegar à estrutura prosódica da língua, como acreditamos.

Mais do que buscar a qualidade acústica proeminente responsável pela “aprendizagem” do bebê dos contornos da fala materna e da própria linguagem, é importante compreender o papel da voz materna, aí incluídos elementos prosódicos, “para” e “extra” lingüísticos, que enquanto interpretação possibilita a inserção do infante na língua.

2. Modulando contextos e emoções

Nos estudos que enfatizam a fala materna (FERNALD & KUHL, 1984; FERNALD, 1993; MASAKATA, 1992), o uso pelas mães de certos padrões de entonação específicos nas rotinas de cuidados com o bebê (acalmar, consolar, solicitar atenção, etc.) tem merecido destaque: quando estão acalmando o bebê, as mães utilizam-se de contornos descendentes de altura; quando o objetivo é buscar a atenção e solicitar resposta são utilizados contornos ascendentes. Ao indagar sobre a relação entre as formas prosódicas do manhês e as funções comunicativas universais, Fernald (1993a) constata preliminarmente que há uma certa associação entre padrões estereotipados de entonação e intenções comunicativas particulares em diversas culturas. A autora descreve os contornos de altura na fala materna dirigida a bebês de doze meses da seguinte forma: as rotinas que envolvem *aprovação* apresentam um proeminente contorno de F_0^2 ascendente/descendente, com médias de F_0 alta, nas diversas culturas estudadas. As vocalizações de *atenção* caracterizam-se por contornos do tipo ascendente. Já as vocalizações de *proibição* são baixas nas médias de F_0 , curtas, mais intensas e mais abruptas no “onset”. As que envolvem conforto são similares às de *proibição* com F_0 baixa, sem muita variação.

A relevância no exposto pela autora reside na semelhança existente entre as culturas do ponto de vista prosódico na produção do manhês, e que, para ela, isso remete a uma certa universalidade deste tipo de fala. Os contextos específicos de vocalização materna assim colocados são, essencialmente, expressões de afetividade vocal, similares na forma através

² F_0 = frequência fundamental, medida usada para o traço prosódico de altura.

das culturas, tal como as expressões faciais são universais nas culturas (REILLY & BELLUGI, 1996).

Esta concepção universalista do manhês é estruturada, pela autora, através de um modelo no qual a prosódia materna desempenha certas funções no desenvolvimento. Assim, os padrões prosódicos característicos da fala da mãe serviriam inicialmente para solicitar a atenção do bebê, para modular estímulo e afeto e para comunicar significados afetivos. Apenas gradualmente, no final do primeiro ano, a prosódia materna começaria a servir especificamente a funções lingüísticas, facilitando o processamento e compreensão da fala.

A ênfase deste modelo reside nas funções regulatórias prélingüísticas da entonação na interação mãe-criança, pois serve de suporte para o argumento da autora, baseada numa visão neodarwinista, de que a fala materna humana é um mecanismo adaptativo. Esta perspectiva enfatiza uma predisposição biológica primária para o uso exagerado de traços prosódicos na fala dirigida ao infante. Esse modelo propõe predisposições mais biológicas que lingüísticas ou convenções culturais como determinantes primários do uso e efetividade da entonação exagerada na fala dirigida ao bebê. E serve de suporte para o argumento de que a fala humana materna é um mecanismo pré-adaptativo.

Assim, no uso diferencial das qualidades acústicas nas rotinas de cuidados com o bebê que envolvem contextos afetivos diversos (aprovação, atenção, conforto e proibição), as mães exploram intuitivamente uma predisposição inata do infante para responder diferencialmente a qualidades acústicas particulares dos sons.

Valendo-se de estudos sobre percepção em bebês (ver a este respeito revisão de KENT & MIOLO, 1995) e em seus próprios estudos (FERNALD, 1985, 1993; FERNALD & KUHL, 1987; FERNALD ET AL., 1989) Fernald atribui a uma predisposição inata do bebê a percepção diferencial de certas qualidades acústicas dos sons maternos - entonação - relacionados a contextos de afetividade, com bases ancestrais em estados de atenção e alerta propiciados pelas vocalizações dos primatas. E, ao mesmo tempo, concebe a mãe - a fala materna - como desencadeadora desta predisposição inata. Quer dizer, ela tenta explicar uma “predisposição ancestral” - percepção diferencial de qualidades acústicas pelo bebê - a partir de uma estimulação externa - **exploração intuitiva** na fala materna de saliências prosódico-afetivas. Ao que parece a autora tenta dar uma justificativa inatista, a partir de uma roupagem adaptativa, mas, no entanto, está mais próxima de um “behaviorismo” ou “neobehaviorismo” quando remete a estímulos externos - modificações da fala materna -, a exploração e modulação desta percepção do infante³.

Para Scarpa & Lier de Vito (1991), o inatismo e o behaviorismo apresentam diferentes versões para resolver a questão da acessibilidade do infante ao objeto lingüístico. No caso do inatismo, o problema se resolve no apelo a um organismo perceptual pré-programado; já para os behavioristas ou “neobehavioristas”, é atribuído ao objeto lingüístico propriedades estruturadas e, por isso, salientes. O interessante, é que Fernald (1993) se utiliza das duas versões num mesmo modelo sob uma “nova” roupagem: biológica e neodarwinista.

Como se observa, o que está em jogo é uma predisposição inata prosódica para aquisição da linguagem, cujo estímulo desencadeador do processo aquisicional da língua são contextos prosódico-afetivos específicos considerados universais através das culturas. Mas,

³ É de se notar a “conversão” do neobehaviorismo dos anos 70, que então trabalhava com a interação comunicativa mãe-criança, a “inatistas” dos anos 90, adaptando-se aos ventos das teorias lingüísticas oficiais, via considerações darwinistas.

como veremos a seguir, as modificações de fala materna dirigida ao infante não são as mesmas em todas as culturas.

Apesar de encontrar adeptos da universalidade, a teoria proposta tem recebido críticas. Ingram (1995), posiciona-se contrário a uma visão universalista respaldando seus argumentos em trabalhos sobre interação mãe-bebê em comunidades outras que as da classe média americana branca; tais trabalhos concebem as modificações prosódicas do manhês como resultado de um conjunto de convenções que podem variar de cultura para cultura.

Ochs & Schieffelin (1995) questionam a universalidade do manhês a partir de estudos em comunidades nas quais o bebê não é considerado um destinatário nas trocas comunicativas⁴. Como colocam os autores em várias sociedades, os bebês não fazem o papel de destinatário até demonstrarem que são capazes de produzir palavras reconhecíveis na língua, por exemplo, entre os maias falantes do k'iché.

O mesmo acontece em comunidades afro-americanas e em comunidades rurais de Java. Em comunidades tradicionais de Samoa Ocidental e entre os kaluli de Papua-Nova Guiné a estrutura interativa não estabelece o bebê como destinatário preferencial, a sua participação se dá na interação como um ouvinte casual de conversações não-simplificadas entre os outros. E mesmo assim, tornam-se falantes-ouvintes gramaticalmente competentes, desenvolvendo conhecimento lingüístico em um ambiente lingüístico repleto de complexidade gramatical e orientado a interlocutores competentes (OCHS & SCHIEFFELIN, 1995 p. 73).

As autoras destacam ainda as diferenças culturais no grau de simplificação existentes quando se dirigem à criança. Enquanto nas comunidades americanas e européias, a simplificação envolve modificações fonológicas, morfossintáticas e de discurso; na cultura samoana, afro-americanos, javaneses e kaluli, a simplificação pode ser restrita ao domínio do discurso e à auto-repetição de um enunciado anterior⁵.

Dados culturais desta ordem possibilitam questionar o papel desencadeador do manhês humano de uma predisposição inata afetivo/adaptativa no bebê, pois se nem todas as culturas oferecem este tipo característico de fala dirigida a bebês, nem a mesma qualidade de simplificação em sua fala, como podemos tomar esta fala como universal e, mais ainda, adaptativa da espécie? Como justificar as diferenciações culturais como “calibragem” se não há, em muitos casos, qualquer indício de um manhês, nos moldes das culturas americanas e européias?

O importante a considerar é que a prosódia materna, em sua especificidade e relacionada a determinados contextos, desempenha algum papel no processo aquisicional, dando-nos pistas para a compreensão da inserção da criança na língua. Mas para isso temos que situar funcionalmente a relação afetividade/fala materna e o acesso do infante à língua.

No estudo da aquisição da linguagem, um ponto de variadas indagações e controvérsias tem sido o estatuto lingüístico (estrutural, comunicativo ou cognitivo) das manifestações vocais da criança “pré-lingüística”⁶, e o das primeiras manifestações verbais da criança que produz enunciados semelhantes aos do adulto. Outro ponto contencioso é o da fala do adulto dirigida à criança. Considerada como “input”, características discursivas e/ou

⁴ Sobre a crítica a respeito da concepção de comunicação e “input” na aquisição da linguagem ver Introdução desta tese.

⁵ Típica da fala kaluli, na qual a mãe usa uma partícula da língua o imperativo *elema* para que ocorra a repetição do enunciado pela criança pequena.

⁶ A literatura chama de “estágio pré-lingüístico” o que antecede as produções de enunciados de uma ou mais palavras. O termo vem, aqui, aspeado, devido à sua vagueza, se não à sua inadequação, para uma discussão a respeito ver Cavalcante (2009).

pragmáticas, morfológicas, sintáticas, fonológicas segmentais têm sido apontadas, tais como: graus de repetitividade e simplificação, clareza, brevidade, número reduzido de orações encaixadas em prol de orações raízes, tratamento pronominal da criança em terceira pessoa, grande uso de diminutivos, etc.

No que concerne às características prosódicas do “input”(EIMAS, 1971; GARNICA, 1977), - sobretudo as melódicas- estas têm merecido atenção especial (FERNALD, 1984, FERNALD & KUHL, 1987, FERNALD, 1993, etc.). A depender do enfoque considerado, estas características desempenham desde um papel fraco de *facilitar* a aquisição da linguagem pela criança, até o de *desencadear* a gramática da língua à qual a criança é exposta - numa abordagem conhecida como "bootstrapping" prosódico para a gramática (Scarpa, 1999).

O desenvolvimento do aparato vocal construído pela criança, desde o nascimento, vem se delineando nas suas relações com as configurações vocais, segmentais e prosódicas da fala materna, e nas subseqüentes produções vocais do infante: de recortes entonacionais específicos como os tons imitativos da fala dirigida ao bebê (ascendente, por exemplo), passando por incorporações de blocos prosódicos e jargões, até chegar à produção de vocábulos. O que nos permite inferir que a prosódia materna é um dos guias de acesso à língua, por parte do infante.

Discutimos até aqui o papel desempenhado pela prosódia materna como “input” facilitador nos estudos aquisicionais, e questionamos a qualidade deste “input” enquanto saliência perceptual para o bebê; partindo de uma crítica (SCARPA & LIER DE VITO, 1991) à concepção de uma capacidade perceptual pronta (inata) no bebê. E a adoção da perspectiva que destaca a prosódia como via privilegiada para inserção da criança através da dialogia.

3. Qualidade de voz no manhês

Buscamos mostrar o deslocamento sofrido pela fala materna na dialogia mãe-bebê visto que esta voz é manifesta em três instâncias: a da criança, dos objetos de interação e a da própria mãe.

Segundo Cavalcante (1999), a fala materna marca o lugar da criança, num primeiro momento, através do falsetto e adiante atribui a esse infante o papel de falante por meio do próprio falsetto que passa a dar ênfase à fala recortada deste bebê e descrever suas ações. A trajetória, então, acompanha o desenvolvimento vocal do infante posto que o colorido vocal da fala materna seja produzido ao longo do tempo e de acordo com as demandas do bebê, nos possibilitando entender a prosódia materna como sendo interpretativa.

Por tomar a criança como interlocutora desde os primeiros meses (CAVALCANTE, 1999) a mãe modaliza sua voz como forma de se fazer entender, com o intuito de chamar a atenção da criança ou até mesmo como forma de acalmá-la. Vozes falseteadas, sussurradas, graves ou neutras permeiam os momentos de interação seja para chamar a atenção, acalmar, inserir um objeto no jogo dialógico ou até para deixar a conversa com a criança mais natural. O aparecimento das vozes é oscilante, pois varia de acordo com a idade e as necessidades do infante. Para este trabalho, analisamos uma díade mãe-bebê entre zero e vinte quatro meses de vida da criança, filmada longitudinalmente em situação naturalística na casa da díade.

4. A voz

Em fonética, a natureza da qualidade de voz habitual de uma pessoa tem mostrado ser produto da combinação de fatores biológicos orgânicos e aspectos da performance do comportamento fonético a longo-termo do falante (LAVER, 1980; LAVER & HANSON 1981; LAVER & TRUDGILL 1979).

Segundo Laver (1980), a noção de qualidade de voz não é usada para referir-se exclusivamente à qualidade do som produzido pela laringe, a voz no seu sentido restrito. Mas ela é concebida como o colorido auditivo de uma voz qualquer, com a contribuição de fatores laríngeos e supralaríngeos.

A qualidade de voz deriva de duas origens distintas. Primeiro de detalhes anatômicos do aparato vocal do falante, pois a dimensão, geometria e massa dos órgãos vocais refletidos no alongamento do seu trato vocal, o tamanho de sua língua, véu palatino e faringe, a configuração da sua estrutura laríngea e o volume de sua cavidade nasal contribuirão para o efeito da qualidade de voz total do falante. A segunda origem não está relacionada aos detalhes orgânicos do aparato vocal, mas ao uso feito desses detalhes anatômicos. Pois cada falante tende a fazer ajustes musculares de longo termo em seu aparato vocal ou "settings" (configurações) fonéticos, como parte de seu estilo de fala habitual. Assim, teríamos qualidade de voz fanhosa, metálica, anasalada, etc, de acordo com as características idiossincráticas do falante. A sobreposição de outras vozes - chorosa, suplicante, falsetto para tessituras mais altas, sussurro, murmurada, etc. - à "qualidade" idiossincrática produzem efeitos de significação diversos (CAVALCANTE, 1999 p. 31).

A qualidade vocal (seja como característica de um falante, papel extralingüístico ou bem como no uso paralingüístico do tom da voz) tem sido descrita na base de um perfil do posicionamento de diferentes partes do aparato vocal usado pelo falante. A ponte que permite estender esta idéia à descrição de posturas corporais é a compreensão de que um posicionamento articulatorio pode ser tratado como um conceito postural. Nesta perspectiva, segmentos fonéticos individuais podem ser vistos como movimentos gestuais realizados dentro de um contexto limitador e permissivo de uma dada postura oral.

5. Deslocamentos na dialogia mãe- bebê

Ao nascer, o bebê é "apresentado" ao mundo da linguagem mesmo sem saber uma palavra. É através de contextos interativos com os pares que o cercam que ele vai constituindo sua língua(gem) ao longo do tempo. Num primeiro instante, o foco é o próprio bebê: A mudança estrutural na qualidade interacional, ao longo do primeiro ano de vida, reflete-se não só durante a constituição do bebê como um parceiro mais ativo, mas também na fala da mãe a ele dirigida. Quer dizer, diante da não atividade vocal inicial do bebê, nos primeiros meses, o foco de atenção é o próprio infante. (CAVALCANTE, 1999) Enfatizamos, portanto, esta voz materna destacando sua diversidade prosódica (entonação e qualidade de voz) na dialogia, bem como o deslocamento materno enquanto "sujeito preenchedor" do lugar da criança, uma vez que substitui a voz do bebê e toma turnos de bonecos inserindo-os no jogo dialógico nos primeiros momentos, assumindo - em seguida - o seu próprio lugar, a voz de mãe.

6. A fala atribuída: Primeira instância

A fala atribuída é a tomada de posição da mãe em relação ao bebê, isto é, uma eleição do bebê como interlocutor pela voz materna. Já que a fala ainda não é possível ao bebê, principalmente nos primeiros meses, a mãe dá voz ao comportamento corporal e/ou vocal do infante. (CAVALCANTE, 1999).

Fragmento 1

Contexto: Mãe alimentando o bebê [2m23d]

M. melão gostoso né vitória?
faço careta ma'engulo! /falsetto/

Fragmento 2

Contexto: Mãe e bebê [6m] no quarto da criança.

M. ô mãe! ô meu deus, tô com sono!
/falsetto/

Podemos ver que, nos extratos acima a mãe toma o bebê como interlocutor, conversando e dando voz a esse infante mesmo sendo este ainda muito pequeno. Nota-se também que a fala a ele dirigida tende a ser falseteada, o uso do falsetto é específico nos extratos acima, pois a mãe toma o turno da criança falando como se fosse ela, em diversas circunstâncias. Esse primeiro lugar materno nos mostra a importância do jogo dialógico entre mãe-bebê desde os primeiros meses de vida da criança.

7. Bonecos na interação: Estratégia dialógica

Como parte do jogo dialógico, a mãe insere bonecos na interação ora para brincar com o bebê ora para chamar a atenção do mesmo e até promover uma conversa da criança com os objetos, como podemos ver a seguir:

Fragmento 3

Contexto: Mãe e bebê [6m] no quarto conversando com o boneco aviador.

M. olá vitória tudo bom com você? eu tô aqui voando
voando, eu sou seu amigo fiel. /grave/
todo dia eu tô aqui no seu quarto, voando voando vuando,
rodo pá lá, rodo pá cá, vô pá cima e vô pá baixo.
/grave/

Fragmento 4

Contexto Mãe e bebê [11m] brincando com o Fantoche Sapo.

M. olá vitória eu quero comê sua mão! Hum, hum, hum.
Ah vitória, sua mão é muito grossa! /grave/

Fragmento 5

Contexto: Mãe e bebê [11m] brincando com o fantoche Florzinha.

M. vitorinhaa olá! tudo bom? um beijo, um beijo, um beijo
um beijo! /falsetto/

Fragmento 6

Contexto: Mãe e bebê [11m] brincando com o fantoche Burrinho

1 olá vitorinha tudo bom? eu sou o burrinho, vem pá cá,
me dá um beijinho! eita que beijo bom! /grave/

Em uma segunda instância, dar voz a bonecos e fantoches cria uma atmosfera de brincadeira e interação maior entre mãe e bebê. Este se diverte e responde as brincadeiras. Aquela proporciona a interação com outros lugares além do seu. A escolha da voz grave e falseteada nas situações acima se dá pela característica dos fantoches: o aviador (fragmento3), o sapo (fragmento 4) e o burrinho (fragmento 6) são do gênero masculino – voz grave, enquanto a florzinha (fragmento 5) é do gênero feminino – voz em falsete. De fato, o gênero masculino/feminino propiciou a escolha prosódica da mãe e expôs a criança a um repertório vocal diversificado.

8. Voz materna: Tomando o seu próprio lugar

A mãe era um sujeito dividido entre assumir o seu lugar de mãe e estruturar o lugar do bebê, na fala atribuída; agora, diante de um infante que já começa a assumir o seu próprio lugar na dialogia, a mãe, através de sua fala, promove um outro deslocamento, desta vez, para o seu próprio lugar – o de mãe (CAVALCANTE, 1999). Destacamos situações em que esse deslocamento é marcado e a voz atribuída à própria mãe.

Fragmento 7

Contexto: Mãe e bebe [11m] brincando no quarto.

M. dê pá mamãe. dê a neném pá mamãe.
ôto neném?! dê pá mamãe o telefone, dê.
como é que estrala os dedinhos?

na boca não! ei tire da boca. não não!

Fragmento 8

Contexto: Mãe e bebê [1a 6m] brincando no quarto

M. óia, qu' é isso aqui? éé como é que anda com isso? É,
que isso?
quem é? é vitória é?
é o que? alô é? deixa eu falá! Alôo, quem é? vitória? ela tá
aqui brincando.
quer isso vitória?

Fragmento 9

Contexto: Mãe e bebê [2a11m28d] na sala conversando e cantando.

M. agora vamo cantar a música do chuchu!
agora qual é a ôta música que vitória sabe cantar? parabéns
pra você!
e como é parabéns pra você? que a gente vai cantar pra
vitória domingo?

Podemos ver que diante de um bebê linguisticamente mais ativo, a mãe o vê como um interlocutor passível de responder suas questões e por isso já pode utilizar-se de sua voz de mãe, ou seja, de uma voz neutra com mais intensidade (fragmentos 7, 8 e 9). A voz neutra é a produção de fala sem as características do manhês. É o termo “neutro”, não-marcado, para o estabelecimento comparativo com as qualidades de voz. Esta voz permeia a fala materna durante o desenvolvimento do bebê, mas será mais explícita e recorrente depois do primeiro ano do infante, quando o *falsetto* já não é mais tão necessário. Com esse tipo de voz a conversa mãe-bebê torna-se mais natural, pois mesmo que a mãe tome o bebê como interlocutor desde muito pequeno, ela modalizará a voz como forma de se fazer entender, o que vai se tornando cada vez menos freqüente ao longo do crescimento da criança, uma vez que esta já entende o que sua mãe diz e até balbucia em resposta. O intuito agora, neste momento, é o de afunilar esta gama de significantes produzidos pelo infante para aquelas produções mais lingüísticas, isto é, restringir os significantes possíveis, para aqueles mais próximos da língua.

O afunilamento na produção materna encontra-se refletido na própria estrutura do seu discurso, pois com a crescente emergência da fala da criança, a mãe diminui a quantidade de frases, dispensa as pausas, sua voz é mais neutra –sem a emergência das variações de grave e falsetto, ela quase “ se cala ”, assumindo um outro lugar discursivo - o de mãe. Numa clara oposição à estrutura da fala atribuída, na qual tínhamos longos textos orais, com frases longas e complexidade sintática, pois ela ocupava um outro lugar - o do infante.

Essas modificações estruturais do discurso materno refletem a ocupação discursiva de um outro sujeito – o infante; cuja subjetivação se evidencia não só na tomada de seus turnos, como também e sobretudo, na reversibilidade de papéis. Isto é, quando ele ocupa não só o seu lugar na dialogia, mas também qualquer outro que se apresente na interação, como presenciamos no fragmento 10.

Fragmento 10

Contexto: Mãe e criança (16 meses e 10 dias) brincando no quarto com fantoches.

B. O bebê olha para mãe, pega um fantoche de cavalo e sorrindo enquanto manipula o fantoche e vocaliza *awahá* . /falsetto/

M. *Olá vitória! Visse que ela mudou de voz!* (falando com a observadora que efetuava a filmagem)

Esta reversibilidade de papéis evidenciada na fala da criança demonstra a inserção do infante como um sujeito na dialogia, ao assumir a voz do cavalo, fazendo uso da voz em falsetto. É esta alteridade destacada na assunção de outro ou outros lugares discursivos pela criança, que o constitui como um sujeito.

A trajetória da constituição subjetiva dos parceiros dialógicos mãe e bebê assumiu um novo deslocamento: a assunção da criança no seu lugar de sujeito falante. A partir de um deslocamento materno, no qual a mãe restringe-se ao seu próprio lugar discursivo – o de mãe –fazendo uso da voz neutra, a criança começa a se posicionar diante da língua, assumindo o seu próprio lugar e, também, deslocando-se para outros lugares: como o do fantoche.

Considerações finais

Como pudemos ver, a voz materna foi mostrada em três instâncias distintas em nosso trabalho. A primeira substituindo o lugar de um bebê que ainda não exercia atividade vocal e por isso lhe atribuía uma voz. Em seguida, tomando o turno dos bonecos para inserir o infante no jogo interacional através de brincadeira e conversas, a mãe constituiu um segundo lugar, que ainda não era o seu, mas também já não era o da criança – introduzindo elementos complementares ao seu jogo de inserção do bebê na língua. Por fim, em seu lugar, utilizou a sua voz para marcar o lugar de mãe, dialogando e brincando com o bebê.

A prosódia materna dirigida à criança é variada e utilizada em diferentes propósitos. Nosso corpus nos mostra que a presença das vozes do tipo falsetto e neutra estão presentes ao longo dos quinze primeiros meses da díade, em maior ou menor frequência, seja para chamar a atenção do bebê ou apenas para estabelecer diálogo com o mesmo. A voz grave, no entanto, só aconteceu em contextos específicos e efetivamente apenas a partir do sexto mês da criança, o que nos mostra que de fato a fala dirigida à criança pequena é modalizada e ajustada para suprir suas necessidades. Podemos, portanto, entender a prosódia materna como sendo interpretativa - uma vez que esta se ajusta e se modifica de acordo com as demandas do bebê, marcando através do falsetto o lugar do bebê no discurso materno, declarando, por fim, com o seu desaparecimento, a posição do bebê como sujeito falante. Entendemos também que é desde os primeiros meses de vida e a partir dos deslocamentos propostos pela mãe e as modulações de sua voz, que é possível ao infante ser inserido na língua e tornar-se falante.

ABSTRACT: It is intended to show in this work the displacement of the mother's voice in the mother-baby talk once this voice is manifested in three circumstances: in the child's place, in the interaction devices' and the mother's own place. Falsetto, low in pitch and neutral voices surround the moments of interaction either to call baby's attention, calm down, to insert an object in the dialogic game or to give a more natural tone to the conversation. The appearance of the voice types is oscillating for it varies according to the age and necessities of the infant. To this research, we analysed a mother-baby dyad between zero and twenty-four months of the child, recorded longitudinally in naturalistic situation at the dyad's home.

Key-words: mother-baby talk, interaction, voice quality.

Referências

BULLOWA, M. Introduction: Prelinguistic communication a field for scientific research. In: M.BULLOWA. *Before Speech*. Cambridge: Cambridge University Press. 1979.

BULLOWA, M. *Childs Talk*. Oxford University Press. 1983.

CAVALCANTE, M. C. B. Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê. *Tese de Doutorado em Linguística*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1999.

CAVALCANTE, M. C. B. Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso. *Investigações* (Recife), v. 21, p. 153-170, 2009.

EIMAS, J. L., SIQUELAND, E. R., JUSCZYK, P. W.; VIGORITO, J. Speech perception in early infancy. *Science*, 171. 1971.

FERGUSON, C. Baby talk in six languages. *American Anthropologist*, 1964.

FERGUSON, C. Baby talk as a simplifield register. In SNOW; FERGUSON (org.). *Talking to children. Language, input and acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press. 1967.

FERNALD, A. Human Maternal Vocalizations to Infants as Biologically Relevant Signals: An evolutionary perspective. In P. BLOOM (ed) *Language Acquisition. Core Readings*. The MIT Press, Cambridge University Press. 1993.

FERNALD, A. The perceptual and affective salience of mother's speech to infants. In L.FEAGANS C. GARVEY, R. GOLINKOFF, M. T. GREENBERG, C. HARDING; J. N. BOHANNON (eds) *The origins and growth of communication*. Norwood NJ: Ablex. 1984.

FERNALD, A.; KUHL, P. Accoustic determinants of infant perception for motherese speech. *Infant Behavior and Development*, 10. 1987.

FERNALD, A.; SIMON, T. Expanded Intonation Contours in Mothers' Speech to Newborn. *Developmental Psychology*, vol. 20 No. 1. 1984.

FERNALD, A.; TAESCHNER, T.; DUNN, J.; PAPUSEK, M.; BOYSSON-BARDIES, B.; FUKUI, I. A cross-language study of prosodic modifications in mothers' and fathers' speech to preverbal infants. *J. Child Lang.*, 16. 1989.

FOGEL, A. *Infant, family and society*. West Publishing Company. Minneapolis /St. Paul. 1997.

GARNICA, O. Some prosodic and paralinguistic features of speech to young children. In C.E. SNOW; FERGUSON (orgs) *Talking to children. Language input and acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press. 1977.

INGRAM, D. The cultural basis of prosodic modifications to infants and children: a response to Fernald's universalist theory. *Journal of Child Language*, 22. 1995.

KENT, R.D.; MIOLO, G. Phonetic Abilities in the First Year of Life. In: FLETCHER; MACWHINNEY. *The Handbook of child language*. Basil Blackwell Ltda. Oxford UK. 1995.

KEMLER NELSON, D. G.; HIRSH-PASEK, K.; JUSCZYK, P. W.; WRIGHT CASSIDY, K. How the prosodic cues in motherese might assist language learning. *Journal Child Language*, 16. 1989.

LAVER, J. *The phonetic description of voice quality*. Cambridge: Cambridge University Press. 1980.

LAVER, J.; HANSON, R. *Describing the normal voice*. In *Speech evaluation in psychiatry*, edited by J. K. DARBY Jr. 51-78. New York: Grune & Stratton. 1981.

LAVER, J.; TRUDGILL, P. Phonetic and Linguistic Markers in Speech. In SCHERER, K.R.; GILES, H. (eds). *Social Markers in Speech*. Cambridge: Cambridge University Press. 1979.

LYRA, M. C.; PANTOJA, A P. F.; CABRAL, E. P.; SOUZA, M.; MOUTINHO, A K. A produção vocal do bebê: Construção partilhada pela diáde. *Psicologia: Teoria e Debate*, vol. 11 no.1. 1995.

MASAKATA, N. Pitch characteristics of japanese maternal speech to infants. *Journal of Child Language*, 19, 1992.

OCHS, E.; SCHIEFFELIN, B. B. O impacto da socialização da linguagem no desenvolvimento gramatical. In: P. FLETCHER; B. MACWHINNEY (eds.) *Compêndio da Linguagem da Criança*. Trad. M. A . G. Domingues. Artes Médicas. Porto Alegre. 1995.

PENMAN, R.; CROSS, T.; MILGROW-FINDMAN, J.; MEARS, R. Mother's speech to prelingual infants: a pragmatics analysis. *Journal of Child Language*, 10. 1983.

REILLY, J. S.; BELLUGI, U. Competition on the face: affect and language in ASL motherese. *Journal of Child Language*, 23. 1996.

RUKE-DRAVINA, V.1976 'Mama' and 'papa' in child language. *Journal of Child Language*, 3(2), 157-166.

SCARPA, E. M. Relação entre Fatos Prosódicos e Fatos Sintáticos: O Caso dos Sons Preenchedores. Campinas. In: SCARPA, E. M. (org.) *Estudos de Prosódia*. Editora da UNICAMP, Campinas. 1999.

SCARPA, E. M.; LIER DE VITO, M. F. *Remarks on language perception*. Texto inédito. Campinas. 1991.

SNOW, C. E.; FERGUSON, C. (orgs) *Talking to children. Language input and acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press. 1977.

STERN, D.; SPIEKER, S.; MACKAIN, K. Intonation contours as signals in maternal speech to prelinguistic infants. *Developmental Psychology*, vol. 18 no. 5. 1982.

Data de envio: 07/05/2012

Data de aceite: 29/01/2013

Data de publicação: 15/03/2013